

6-2002

Cem anos de presença espiritana em Tefé

Antonio Gruyters

Domingos da Rocha Ferreira

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

Recommended Citation

Gruyters, A., & da Rocha Ferreira, D. (2002). Cem anos de presença espiritana em Tefé. *Missão Espiritana*, 1 (1). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol1/iss1/8>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

cem anos de presença espiritana em tefé

Hoje, nem nos passa pela cabeça fazermos viagens tão demoradas, nem tão dependentes dos outros, nem em condições tão precárias. Era preciso muita fé, muita convicção, muita doação e, sobretudo, muita confiança em Deus! (...)

13 de Julho de 1997! 16.00h! Começa a procissão em direcção ao cemitério. Aí é prestada uma homenagem a todos os missionários que lá repousam. Muita gente nova, falecida poucos meses depois de sua chegada a esta Amazónia desconhecida. Vítimas do seu ideal, vítimas do desconhecimento da região!

1. Um pouco de história

1. 1. Espiritanos no Brasil

Foi em 1885 que os Espiritanos chegaram ao Brasil, directamente para Belém. Chegavam chamados pelo Bispo local, D. António Macedo Costa (ex-aluno do “Colégio Francês” de Roma, dirigido por Espiritanos), com tarefa bem especificada: assumir a direcção do Seminário Menor da Diocese. Com a mudança do Bispo, Espiritanos e Bispado entraram em conflito. Em 1897 os Espiritanos devolvem o Colégio do Carmo e chega ao fim essa etapa de Belém.

1.2. Espiritanos em Tefé

A decisão da Congregação ir para Tefé foi rápida e também “fruto do acaso”.

* Espiritanos, nascidos na Europa, Trabalharam muitos anos no Brasil, a maioria dos quais em Tefé. António Gruyters actualmente é membro da equipa provincial da Holanda. Domingos Rocha é pároco nas periferias de Lisboa.

P. Xavier Libermann, durante uma viagem de navio, encontrou-se ocasionalmente com o primeiro Bispo de Manaus, D. José Lourenço da Costa Aguiar. O Bispo manifestou interesse em levar os Espiritanos para sua diocese. O P. Xavier chegando a Paris, colocou o pedido à direcção da Congregação, defendendo o envio dos Espiritanos aos índios da Amazônia.

O projecto teve um percurso rápido. A 13 de Abril de 1897, em Lisboa, embarcaram os primeiros missionários e chegam em Manaus a 23 de Maio do mesmo ano. O primeiro grupo é constituído por P. Xavier Libermann, P. Parissier, P. Friederich e Ir. Donaciano. Em Belém juntam-se P. Luís Berthon e Ir. Tito. Os Padres Parissier e Friederich ficam em Manaus. Os outros continuam viagem e chegam a Tefé a 10 de Junho de 1897. De Manaus para Tefé, seguiu junto o Vigário de Tefé na ocasião, Cónego Norberto Depuy, que havia sido também um grande incentivador da vinda dos Espiritanos.

1.3. Instalação na Boca de Tefé

Foram calorosamente recebidos. Logo o Governo oferece um terreno, denominado “Sobrado”, na Boca do Rio Tefé, para que os novos Padres comecem a desenvolver seus trabalhos. Esse terreno fica fora da cidade. Aí os Espiritanos se instalam e, aos poucos, foram construindo a famosa “Escola Agrícola e Industrial de Bocca de Tefé”. Na verdade, era um complexo onde tinha internato e escola, olaria, carpintaria, curtume, torno mecânico, fábrica de chocolate e de vinho de caju...

Nas oficinas da Boca de Tefé se procura educar para a vida entendida como um todo. Havia uma integração entre educação humana, religiosa e profissional. Em poucos anos a Boca de Tefé torna-se ponto de referência em todo o Amazonas!

A obra da Missão foi fundada a 27 de Julho de 1897.

1.4. Pastor no caminho do Rebanho

Da Boca da Missão partiam também os missionários para visitar as localidades ao longo dos rios. Normalmente subiam com os comerciantes, atrelando sua canoa no barco. Depois, iam descendo, remando. As visitas de desobriga levavam meses! Através dos livros de registro de Baptismo e Casamento ficamos sabendo onde a visita às populações teve início e quanto tempo demorou.

Hoje, nem nos passa pela cabeça fazermos viagens tão demoradas, nem tão dependentes dos outros, nem em condições tão precárias. Era preciso muita fé, muita convicção, muita doação e, sobretudo, muita confiança em Deus!

Alguns dos nossos missionários morreram durante a viagem. Outros morreram pouco depois de chegarem ao Amazonas. O cemitério da Missão comprova isso. Era aventura mesmo! Quanta vida doada por ideal e também por falta de conhecimento da realidade! Por exemplo, os Irmãos Dionísio e Agostinho, portugueses, faleceram em 1911, com 24 e 29 anos, respectivamente.

1.5. Prefeitura Apostólica de Tefé

A 23 de Maio de 1910 é criada a Prefeitura Apostólica de Tefé, pela Bula

“Cum ex nimia Dioecesis Amazonum” do Papa Pio X, desmembrada da então Diocese de Amazonas (hoje Arquidiocese de Manaus). E Monsenhor Alfredo Miguel Barrat é nomeado Prefeito Apostólico. Era o reconhecimento do trabalho desenvolvido até então.

No dia 26 de Setembro de 1910, Mons. Barrat embarca no Tejo para Tefé, chegando a seu destino a 06 de Outubro do mesmo ano, sendo recebido com alegria e simpatia pelo povo e autoridades.

1.6. Mudança para Tefé

A princípio instalados na Boca da Missão, pouco a pouco os missionários vão se transferindo para a cidade de Tefé. Com isso a Missão vai perdendo a sua importância. Para isso contribuiu o fato de a Paróquia de Tefé ter sido confiada aos Espiritanos em 1907, assim que o Cónego Depuy se aposentou.

Em 1913 começa a construção do Seminário de S. José, destinado a formar padres. A construção é dada como concluída em 1921. Teve como seu primeiro Director o P. Manuel de Alencar. E nesse mesmo ano de 1921 é fundado o Externato de S. José, para a educação dos meninos. Com a mesma finalidade é criado um Internato.

Pelo Seminário de Tefé passaram os Padres Manuel Albuquerque, Cristóvão Arnaud, Minerval de Andrade, Edson Dantas de Oliveira, Walter de Moraes, Manuel de Lima Cauper.

Com a finalidade de informar e de buscar apoio para as obras vocacionais é fundada a Revista “O Missionário”, que circulou de 1921 a 1960.

Com a chegada das Franciscanas Missionárias de Maria em 1925, é a vez de olhar para a educação das meninas. Logo começaram com um internato, externato, ateliê e dispensário para doentes. Em 1935 é iniciada a formação de professores-catequistas, velho sonho de Mons. Barrat e de P. Tastevin.

Em 1922 tem início a construção da Igreja Matriz. A sua construção terminou em 1935, tendo sido consagrada a 19 de Outubro do mesmo ano, pelo bispo de Manaus, D. Basílio Pereira. Nesse ano, Mons. Barrat completava 25 anos como Prefeito Apostólico.

É bom ressaltar que todas estas obras materiais foram construídas por gente formada na Missão ou que estava se formando lá. Muitos dos materiais usados (como tijolo, telha, cerâmica) eram fabricados lá nas oficinas da Missão.

Reza a história que, durante o governo de Mons. Barrat, muitas Associações se instalaram nesta Igreja, tais como Vicentinos, Filhas de Maria, Cruzada Eucarística, Apostolado da Oração, Acção Católica, etc.

Neste período cabe também frisar todo o trabalho realizado com os povos indígenas. O nome mais relevante foi P. Constantino Tastevin. Por exemplo no Rio Juruá ele constatou a existência de 212 nações, com cerca de 2 milhões de habitantes. E o P. Augusto Cabrolié, no Rio Japurá, conheceu mais de 20 nações indígenas. Deixaram muitas notas de viagens, muitos escritos, sendo que alguns continuam inéditos até hoje. Mais de 2 milhões de habitantes naqueles tempos! Hoje, em todo o Brasil, os índios não passam de 300.000. Dá que pensar!

1.7. Novos protagonistas

Monsenhor Barrat tem dificuldade em arrumar padres para poder continuar a dar a devida assistência religiosa.

No Capítulo Geral da Congregação de 1919 é decidido passar a responsabilidade desta área para a Província Alemã. Mons. Barrat opôs-se, achando que ainda tinha condições de arrumar pessoal para a Prefeitura, embora as portas da Província de França já estivessem fechadas. Estava criado o impasse.

Em 1926 havia apenas 7 padres. Desde 1919 a França não mandara mais ninguém!

Esse impasse resolveu-se em parte em 1931, quando foi criada a Prefeitura Apostólica do Alto Juruá e confiada à Província Alemã. Todo o território da nova Prefeitura era desmembrado da Prefeitura Apostólica de Tefé.

Em Dezembro de 1945, já idoso (81 anos) e quase sem padres... Mons. Barrat pediu substituto. E a 12 de Julho de 1946 é nomeado P. Joaquim de Lange, holandês, missionário em Angola, como Prefeito Apostólico. Logo foram nomeados 10 padres novos para Tefé. E a 22 de Abril de 1947 chega P. Joaquim trazendo mais 4 Irmãos. Celebrava-se então o cinquentenário da presença espiritana em Tefé. Uma nova etapa começava.

Em Maio Mons. Barrat retira-se de Tefé. Passa uns tempos no Rio de Janeiro, assumindo até a função de capelão de uma creche-orfanato. Mas no início de 1949 a sua saúde começa a ficar muito debilitada. Decide-se enviá-lo para França, o que acontece em Abril de 1950. Acabou falecendo lá a 29 de Agosto daquele ano.

1.8. Prelazia de Tefé

A 11 de Agosto de 1950, pela Bula “Quem Deo Adjuvante” do Papa Pio XII, a Prefeitura Apostólica de Tefé é elevada a Prelazia e confiada aos cuidados da Congregação do Espírito Santo. P. Joaquim de Lange fica como Administrador Apostólico de 1950 a 1952. A 06 de Julho de 1952, durante o 2º Congresso Eucarístico de Manaus, P. Joaquim de Lange é sagrado Bispo.

A 25 de Outubro de 1957 são ordenados dois padres espiritanos da região: P. Manuel de Lima Cauper e P. Walter de Moraes.

Com mais pessoal e com um território bem mais pequeno, foi possível começar a fazer a descentralização. Por isso, durante o seu governo, as Paróquias chegarão a número de 10. Número que permanece até hoje.

A educação continua a merecer de D. Joaquim toda a atenção. Por isso, juntamente com as Irmãs Franciscanas, em 1958, inaugura a Escola Normal Rural em Tefé, com a finalidade de formar professores e catequistas para o interior.

Em Junho de 1963 é implantado o MEB (Movimento de Educação de Base) com a finalidade de alfabetizar adultos. Para que essa alfabetização chegue até o interior, é instalada a Rádio Educação Rural de Tefé, em 1964. A Rádio serve então para que o MEB possa orientar os seus monitores que estão lá nas comunidades do interior.

Também na linha da educação, a 13 de Junho de 1969, se consegue a insta-

lação do Campus Avançado da Universidade Federal de Juiz de Fora. Nos meses de Janeiro, Fevereiro e Julho, professores daquela Universidade se deslocam até Tefé para promoverem cursos intensivos, conferindo licenciatura curta. Esse convênio perdurou até Julho de 1996.

A saúde foi também uma das grandes preocupações. Assim, em 1968, foi inaugurado o Hospital São Miguel, em Tefé. E as Irmãs Franciscanas foram encarregadas da sua administração até que foi entregue ao Estado. Mas o povo não cansa de comparar! E sempre acaba elogiando os tempos em que estava nas mãos da Igreja.

D. Joaquim participou e viveu os tempos do Concílio Vaticano II. Foi também participante do Encontro de Santarém (1972), do qual celebramos os 25 anos. O Encontro de Santarém foi importante para a Igreja do Norte, porque foi aí que esta Igreja começou a ganhar um rosto próprio, rosto de Vaticano II e de Medellín (1968). D. Joaquim teve essa graça, como também a responsabilidade de colocar esta Igreja a caminhar segundo os novos rumos.

Dentro dessa linha, em 1972, foi criada a Coordenação de Pastoral que tinha a tarefa de assessorar as Paróquias na formação das Comunidades (Comunidades Eclesiais de Base). Para isso se começou a investir muito na formação de leigos. A equipe da Coordenação saía então pela beiradão fazendo pequenos cursos nas Comunidades.

Em 1974 pode-se dizer que a Prelazia começou a fazer a reforma agrária nas suas propriedades. Assentou famílias nas terras, sobretudo aquelas que foram vítimas da alagação. A princípio dava-se título das terras às famílias, mas depois achou-se melhor dar título colectivo às Comunidades. Assim se evitava a tentação de vender logo o seu pedaço e, sobretudo, vender a quem não precisava.

1.9. Tempos novos e diferentes

A 31 de Julho de 1980, D. Mário Clemente Neto é nomeado Bispo Coadjutor de Tefé. É sagrado a 19 de Outubro do mesmo ano. A 15 de Dezembro de 1982 D. Mário assume o governo da Prelazia, por renúncia de D. Joaquim. Em Janeiro de 1983 D. Joaquim retira-se para a paróquia de Foz de Jutai, onde assume como Vigário. Aí permanece enquanto a saúde lhe permite. Acaba se retirando para a Holanda em 1990, onde vem a falecer a 14 de Julho de 1992.

Até 1947 foi a era dos franceses, seguindo-se a dos holandeses. A partir de 1985 vão chegando Espiritanos de outras Províncias, uns já trabalhando aqui no Brasil, outros vindos directamente da sua Província de origem. Hoje, os Espiritanos que trabalham na Prelazia são de oito nacionalidades diferentes.

D. Mário iniciou tentando caminhar por duas vertentes: “vencer a dependência” e “caminhar com as próprias pernas”.

A partir de 1985 a formação sistemática de lideranças passou a ser uma preocupação constante. Tem-se consciência de que esta Igreja é essencialmente uma Igreja Leiga. Então há que preparar gente para isso. Assim se institucionalizam os cursos para Catequistas de Comunidades Rurais e também para outros cate-

quistas que sejam capazes de animar um grupo de comunidades, a que nós chamamos sector. São os Animadores de Sector.

Para isso se adaptou uma parte do Seminário para funcionar como Centro de Treinamento. Nos últimos anos a Prelazia adquiriu uma construção que pertencera às Irmãs Franciscanas. Foi reformada e hoje é o Centro de Treinamento Irmão Falco. Homenageia assim o Irmão Falco, mestre de obras e que tanto profissional ajudou a formar. Mas também homenageia o Falco dos últimos anos: animador de comunidades, incentivador do agricultor, iniciador da luta de preservação!

A partir de 1991, com a inauguração do Centro Vocacional, tenta-se novamente a formação de um clero local. No momento estamos com cinco seminaristas, sendo que três no Propedêutico, um na Filosofia e outro na Teologia. Se tudo correr bem, em meados de 1998, o Tito será ordenado Diácono.

Uma outra linha de actuação é valorizar cada vez mais o leigo, diversificando os serviços e ministérios. Os missionários, sobretudo pertencendo a Congregações Religiosas, permanecem pouco tempo. Há sempre dificuldade em ter uma “memória histórica” viva. Então os Leigos é que têm de ser essa memória. Por isso se caminha para que os Leigos não sejam meros executores de acções planeadas por Padres ou Irmãs, quase todos vindos de fora. Trata-se então de dar oportunidade para que o Leigo, gente daqui mesmo, possa participar dos órgãos de decisão: concelho da Prelazia, concelho de paróquia, concelho de Comunidade. Esta é a linha seguida a partir de 1983. E assim se vai combatendo a dependência.

Mas tem também a dependência financeira. Para vencê-la, incentiva-se a responsabilidade. Começa-se pelas coisas mais simples, como, por exemplo, levar algum rancho quando vai participar de algum curso ou encontro. Mas também através da implantação do dízimo, tema da Assembleia deste ano de 1997. Mas a preocupação com o dízimo já vem desde 1983.

Na linha da saúde, os dois Hospitais que a Prelazia possuía (Tefé e Carauari) são passados para o Estado. A Prelazia fica apenas com os Agentes Rurais de Saúde (1987) que estão preparados para dar os primeiros socorros lá no interior. Em 1988 a Pastoral da Criança é implantada na área da Prelazia. Funciona com voluntários. Tenta levar vida às crianças, sem precisar de gastar muito dinheiro. Uma experiência que, tanto na Prelazia como no Brasil, está dando certo.

Na linha da luta pela vida está aí a luta pela preservação dos lados. Começou por iniciativa da Igreja. Hoje são os próprios ribeirinhos que conduzem essa luta. Durante muitos anos foi na “cara e na coragem, na marra e na raça”. O ano de 1997 é histórico, porque é o reconhecimento da justeza desta luta por parte da Lei e da autoridade.

Nesta luta pela vida vale também destacar a Pastoral Indigenista, preocupação desde 1975. Mas foi na década de 80 que ganhou maior consistência. A partir da então CIMI (Conselho Indigenista Missionário), OPAN (Operação Anchieta) e Igreja Luterana estão trabalhando juntos. No momento são quatro equipes, caminhando junto com os povos indígenas ajudando-os a assumir sua

própria história. As terras vão sendo demarcadas, ainda que muito lentamente; mais povos vão assumindo a sua condição de indígenas; organizações próprias vão surgindo.

No campo da comunicação se destaca a criação da Fundação D.Joaquim. É uma entidade jurídica que engloba a Rádio Educação Rural de Tefé, existente desde 1964, e que está aberta a caminhar por outros campos. No momento tenta-se instalar um transmissor do CANAL REDEVIVA DE TELEVISÃO, que é canal de inspiração católica. A Emissora de Rádio saiu do regionalismo. Hoje ela está integrada na Rede Católica de Rádio (RCR), a maior rede de rádio do país. Além disso, tem convênio com uma outra grande Emissora, a Rádio Bandeirantes.

Mons. Barrat poderá ser lembrado como aquele que fixou a Congregação nesta região. D. Joaquim foi aquele que procurou ir respondendo aos desafios apresentados e com a particularidade de fazer isso em dois tempos: até ao Concílio Vaticano II e depois à luz desse mesmo Concílio. D. Mário poderá ser lembrado como aquele que tenta dar uma base mais sólida a esta Igreja, fomentando sobretudo a formação de lideranças autóctones. A pouco e pouco esta Igreja vai adquirindo um rosto próprio, um rosto amazônica!

2. Vários momentos da festa!

2.1. Alvorada

12 de Julho de 1997!

Antes que o relógio marque meia noite, um toque no sino da igreja é o sinal combinado para que o fogueteiro comece a soltar os foguetes e os rojões! Nessa hora, a Banda do Exército e o coral já estão tomando posições frente às portas do velho Seminário.

Logo que os foguetes começam a estourar, Banda e coral entram em acção. Os Padres abrem a porta de entrada e ficam frente à Banda e ao coral. E as canções se sucedem umas após outras.

Há uma pequena pausa. O P. Cauper, que, a 25 de Outubro próximo, completa 50 anos de sacerdócio, usa da palavra em nome dos Espiritanos. Agradece as manifestações de carinho, que estão apenas começando! No seu improviso desafia os jovens e revela que a maior alegria que poderia ter antes da sua morte seria a ordenação de alguém da terra! Isso ele vai repetir, pelo menos, mais duas vezes em outros pronunciamentos. Quem sabe se Deus vai atender seu pedido!

Mais música, mais canto! O pessoal parece estar bem disposto e sem pressa de acabar! No final todos são convidados a entrar e comer um salgadinho ou tomar um refrigerante!

2.2. Missão! Lá onde tudo começou!

13 de Julho de 1997! 15.00h!

É a hora marcada para dar início à "procissão fluvial", rumo à Missão. É cerca de meia hora de viagem! Vários barcos são colocados à disposição para que o pessoal possa se deslocar até à Missão.

Pelas 16.00h a procissão chega ao seu destino. Lá está a Missão: barranco alto, o casarão, a Igreja, o cemitério. A operação mais difícil é o desembarque! Embora o rio esteja cheio, o local de desembarque é apertado. Mas foi aí, junto à escadaria, que foi colocada a balsa e onde os barcos encostam. Sai uma pessoa de cada vez e toma o rumo da escadaria que foi toda enfeitada, de um lado e do outro. Para facilitar a subida, foi colocado um corrimão de um lado e de outro.

A Banda do Exército lá está pronta para entrar em acção. Aliás o exército se mobilizou não só para garantir segurança, mas também para dar apoio.

Começa a procissão em direcção ao cemitério. Aí é prestada uma homenagem a todos os missionários que lá repousam. Muita gente nova, falecida poucos meses depois de sua chegada a esta Amazónia desconhecida. Vítimas do seu ideal, vítimas do desconhecimento da região!

Logo a seguir tem lugar a Celebração Eucarística. Foi preparada a quadra de esporte para essa finalidade. Um grande palco foi montado debaixo das mangueiras. São 17.00h e o calor já é bem menor!

A procissão de entrada faz-se a partir da igreja paroquial. Lá na frente, abrindo a procissão, vai a coroa do Divino Espírito Santo, Padroeiro da Paróquia. Seguem os concelebrantes. Preside o P. Cauper, ladeado por D. Mário e pelo P. Humberto, Superior Provincial do grupo espiritano. Todos os Padres estão presentes.

A Província de França faz-se representar pelo P. Jean-Michel Gelmeti. Com ele chega também uma equipe de filmagem. Registam as celebrações do Centenário, mas também fazem outras imagens e tomam depoimentos, ficando assim com um material mais completo a respeito da actuação dos Espiritanos por estas paragens.

Presentes também D. José e P. José Carlos, da Igreja-Irmã de Divinópolis. Os dois irão orientar o retiro e curso. Presente também o Geraldo, seminarista da Igreja de Divinópolis e que, para o ano, estará trabalhando aqui connosco e talvez venha a se incardinar na Igreja de Tefé.

O pessoal da Missão esmerou-se no arranjo do local, mas também na Celebração Eucarística. Ela se vai desenrolando com muita calma, valorizando cada momento e sempre com a participação de muita gente. Tudo é feito com muita dignidade e solenidade!

Na homilia o P. Cauper revela mais uma vez os seus dotes de orador. Vai lembrando os missionários passados, sejam eles falecidos ou vivos! Vez por outra pede a colaboração do pessoal para recordar! Outros o fazem espontaneamente. Homenageia as Irmãs de Santa Catarina, Virgem e Mártir, que também celebram 100 anos de chegada a terras brasileiras. Homenageia P. Paulo que está completando 40 anos de sacerdócio, todos eles gastos em favor deste povo! Homenageia os Bispos D. Mário e D. José. Desafia os jovens a buscar ideais mais altos e mais santos! O restante da celebração decorre com muita participação, muita alegria, beleza e emoção.

No final da Eucaristia a Comissão entrega os prémios aos vencedores das actividades desportivas realizadas nesse mesmo dia. Acontece um rápido coque-

tel, porque a hora já vai avançada e o pessoal das embarcações já está meio cansado de esperar! É a volta à cidade!

2.3. Reviver 100 anos de história

16 de Julho de 1997. Quarta-feira, 16.00h.

A Comissão quer todos os Padres na praça da Matriz. Lá está o palanque onde os ex-alunos, Comunidades e Paróquias querem homenagear os Missionários do Espírito Santo. O palanque está todo enfeitado com plantas, ramos de árvores, painéis de artistas da terra.

No palco já estão a postos o coral e os locutores. E a história começa a ser contada! Seguindo a cronologia, os locutores vão se revezando na leitura do roteiro previamente preparado. Para uns é recordar! Para outros é conhecer! Outros se sentem protagonistas. É a história do passado e do presente querendo iluminar o futuro!

Nenhum facto considerado importante é esquecido. Aqui e ali entra uma canção executada pelo coral, uma dramatização, cartazes para ajudar a relembrar e a fixar. Momentos divertidos são lembrados. Lembradas são também as dificuldades e o modo como foram superadas!

Participam alunos das Escolas Municipais e também membros das Comunidades, tanto da cidade como interior. É um número grande de pessoas que se prepararam para a festa ser bonita! O povo mostrou que sabe organizar, recordar, valorizar, agradecer! Foram mais de três horas de apresentação!

Toda essa história fica registrada, não só na memória do povo, mas também em diversas publicações. Uma foi preparada pelos historiadores da terra: Professores Protázio, Januário e Cabrolié. Outra é obra de Raimunda Gil (Dica), grande amiga dos Espiritanos. A terceira é obra do nosso confrade P. António Gruyters. P. António procura olhar a história a partir da paróquia de Santa Teresa de Tefé com olhos críticos. A louvação, o povo faz! Nós queremos sobretudo olhar a história com olhos críticos. Queremos honrar os antepassados! E isso passa pela preocupação em evangelizar com fidelidade a Jesus Cristo e ao homem e à mulher amazonense de hoje. E vamos descobrindo que, se há muito a agradecer, também há motivo para pedir perdão e para buscar outros rumos!

É curioso, mas também é sintomático, que não se faz qualquer referência ao trabalho com os povos indígenas, nem no passado, nem no presente. Falando com o pessoal da Pastoral Indigenista dizem que é o reflexo de terem priorizado o trabalho com os indígenas mesmo! A sociedade envolvente não tem sido trabalhada, a não ser na Semana dos Povos Indígenas, com as Escolas. Mas vejo aí também reflexos do preconceito existente.

2.4. Jantar de homenagem

19 de Julho de 1997. Sábado.

Chegaram hoje alguns convidados: D. Luís, Arcebispo de Manaus; D. Gutemberg, Bispo de Coari; D. Jesus Moraza, Bispo de Lábrea; P. Carlos Henrique e Edson, de Cruzeiro do Sul; P. Miguel Foody, representante dos

Espiritanos Irlandeses. Já haviam chegado P. João Derickx, de Belém, trazendo com ele o P. Possidônio da Mata, diocesano.

Pelas 19.00h, o pessoal vai chegando ao Centro de Treinamento Irmão Falco. São os convidados para o jantar que as “famílias tradicionais” da cidade oferecem aos Padres.

Logo na entrada começam as surpresas! Somos recebidos por uma recepcionista. Esse encontro da recepcionista com o convidado é devidamente filmado. A câmara de vídeo não deixa ninguém sem registrar!

Lá dentro, muitas mesas, cadeiras, faixas, música ao vivo! Falam entre 300 e 400 pessoas no jantar! Não contei! Várias mesas estão dispostas em U com travessas de comida! Cada família trouxe alguma coisa. Aí ficou mais fácil organizar! Foi tudo bem preparado e enfeitado. Não foi por acaso que um grupo passou lá toda a tarde a trabalhar!

Há um aperitivo inicial! O jantar ainda demora para começar! Só lá pelas 22.00h! Depois de um longo bate-papo, Bispos, Padres e Irmãs são convidados a ocupar as cadeiras que estão no meio do salão. E acontecem as homenagens! O coral canta; mensagens são lidas; fazem-se discursos; distribuem-se placas!

D. Mário e P. Humberto recebem a placa oferecida aos Espiritanos! É o Prefeito quem entrega. Aproveita também para fazer o seu discurso. E parece que está em campanha eleitoral: faz promessas! Vai cumprir? O tempo o dirá!

Só então começa o jantar! Pratos variados, pratos regionais, preparados pelas famílias em suas casas e já trazidos prontos! Com som ao vivo, no final, alguns não resistem a dar uns passos de dança! Mas onde se viu festa sem dança?!

Gesto simpático, bonito! Aconteceu partilha! Deus queira que essa partilha, sinal da presença do Reino, continue para lá deste dia, para lá desta festa e com muitas outras pessoas!

2.5. Auge e término das celebrações

Domingo! 20 de Julho de 1997!

No jantar de sábado fomos informados, por um político, que o Governador de Estado, Amazonino Mendes, viria a Tefé para almoçar com os Espiritanos. Como ex-aluno do Seminário de Tefé, queria vir para passear nos corredores do Seminário, falar na Rádio da prelazia e almoçar com os Espiritanos!

De fato chegou pelas 11.00h. Visitou o Seminário, foi rezar na Igreja Matriz e almoçou. Durante o almoço foi entrevistado pela Rádio Educação Rural de Tefé.

Havia um certo receio de que pudesse se aproveitar do acontecimento e da presença dos cinco Bispos para melhorar a sua imagem pública. Politicamente, tem passado por uma série de dificuldades! O certo é que almoçou e depois viajou de novo com a sua comitiva.

Pelas 18.00h deu-se a inauguração do monumento construído pela Prefeitura em honra dos Espiritanos. Apresenta o Espírito Santo pairando sobre o globo terrestre. O monumento fica situado em frente do Seminário.

Para a inauguração lá estava a Banda do Exército, o Prefeito Municipal, os

Padres, amigos, curiosos, gente que não sabe direito o que se está passando! Lá estava presente também um deputado estadual que, a toda a hora, tinha que dizer que estava ali representando o Governador!

Pelas 19.30h, na Praça da Matriz acontece a Celebração Eucarística. A praça vai se enchendo com o pessoal das Comunidades que vai chegando. As pessoas se admiram de ver tanto Padre e tanto Bispo juntos!

A entrada é soleníssima. Abrindo a procissão vão diversos símbolos lembrando os Espiritanos, as Irmãs de Santa Catarina, os Pes. Cauper e Paulo. Destaco três cartazes que sintetizavam o que foi feito de mais importante no governo de Mons. Barrat, de D. Joaquim e de D. Mário. Os concelebrantes foram mencionados nominalmente.

A Eucaristia foi presidida por D. Mário, estando ladeado pelos Padres Cauper, Paulo e Humberto. Tal como na Missão, certos momentos são destacados. Lembro apenas a procissão da Bíblia carregada por um casal e acompanhada por um grupo de crianças. Enquanto a Palavra é aclamada, o pessoal vai dançando e mostrando a Bíblia para o povo. A Equipe de Liturgia resolve destacar também o momento da procissão das ofertas.

A Celebração decorre muito bem. A Equipe de Liturgia se esmerou na preparação. D. Mário chama a atenção para alguns detalhes que revelam o gosto e a criatividade das pessoas. Por exemplo: o altar, em vez de toalha, tem artesanato feito de paxiúba; o mesmo tecido se encontra nos bancos, que mais não são do que roletos de madeira, pedaços de tronco de árvore. Há muitas plantas, frutos, faixas, bandeiras, maqueta da casa e da igreja da Missão. Até um presépio lá está montado!

A Missa termina, mas não terminam as homenagens. Logo após a Missa segue-se um acto cultural, na mesma Praça da Matriz.

Luzivaldo e Claudemir, coordenadores da Comissão Organizadora, usam da palavra para homenagear e também para agradecer a todas as Equipes que trabalharam, bem como os que participaram com alguma coisa. Afinal foram vários meses de preparação, de reuniões, de preocupação! No final a Comissão ainda disse: “isso foi pouco; os Espiritanos mereciam muito mais!”.

É lida a biografia dos Padres Cauper e Paulo. A eles são prestadas homenagens. Os Professores Protázio e Raimunda Gil fazem a apresentação dos respectivos livros.

P. Edson pede para usar da palavra. O homem se entusiasma e se emociona. Afinal havia muitos anos que não pisava em Tefé. Voltar a Tefé, depois de tantos anos, foi um presente muito grande que recebeu! Está visivelmente emocionado!

Depois passou-se para uma parte mais cultural. Diversos grupos quiseram prestar a sua homenagem com suas danças e brincadeiras. Assim houve quadrilha, dança de índio, toada de boi, dança afro-américa...

E a festa se encerrou pela uma da madrugada. Foram meses de preparação e de preocupação. A Comissão sonhou alto. Não conseguiu realizar tudo o que pensou. Realizou o que foi possível. Mas foi muita coisa. Foi uma semana de fes-

tejo, de homenagens, sempre com muita alegria e criatividade. Foi uma festa de muita gente. Festa dos Espiritanos, das Irmãs de Santa Catarina, dos Padres Cauper e Paulo. Mas festa também dos envolvidos directamente, sobretudo das Escolas Municipais. Festa dos amigos dos Padres e das Irmãs. Manifestação de agradecimento, de carinho, de reconhecimento. Será que Padres e Irmãs mereciam tanto? O povo achou que sim! Foi ele que fez a festa, por vezes até sem o aval dos homenageados!